

# *Rapensando África* na música de Chullage

*Rethinking Africa in the rap music of Chullage*

DAVIDE GRAVATO E ROSA CABECINHAS

## **1. Introdução**

Muito influenciado pelos movimentos dos direitos civis durante os anos 1960 e 70 nos Estados Unidos da América (EUA), o movimento cultural hip-hop migrou para outros países nas décadas seguintes levando esse caráter de contestação consigo. O contexto português absorveu a vertente consciente do rap, estabelecendo códigos de conduta sociais e musicais, com um posicionamento *underground* focado em exprimir o real (Gravato, 2017). A popularidade da cultura hip-hop entre os jovens descendentes de migrantes oriundos das antigas colónias portuguesas não é acidental. Tal como sucedeu em Bronx (EUA), estas comunidades também precisaram de encontrar a “dose da coragem necessária para prosseguir vivendo no presente” (Gilroy, 2001), enquanto se debatem entre sentimentos de pertença.

Chullage, projeto de Nuno Santos, é um dos sonantes nomes do rap feito em Portugal. Autor de várias músicas consideradas clássicas do hip-hop nacional, editou três álbuns e possui incontáveis presenças em projetos e músicas de outros artistas como Sam The Kid, Regula, Kacetado, Less du Neuf, entre outros. Ainda que indissociável do chamado *Rap Tuga* (rap português), o MC valoriza a sua “ancestralidade africana” e sempre expressou a sua opinião quanto às dinâmicas de integração social na sociedade portuguesa. As suas músicas possuem um

discurso interventivo, o qual tenta recuperar uma ligação com a sua “ancestralidade africana” e se posiciona em constante busca por justiça social.

Com base nestes pressupostos, no presente artigo pretende-se identificar as narrativas de Chullage que levantam questões relacionadas com o colonialismo português e a discriminação racial, assim como reconhecer pontos que demonstrem o seu diálogo com a cultura cabo-verdiana. Para tal, será brevemente abordado o seu posterior projeto *Prétu*, de modo a ilustrar a continuidade e transversalidade dessas narrativas. Sem deixar de considerar também relevantes colaborações do artista que são externas aos seus projetos, neste estudo proceder-se-á a uma análise discursiva das letras das músicas de Chullage.

## 2. Hip-hop como palco de intervenção

Embora o hip-hop possa ser contextualizado a partir das décadas de 1930 a 50, considerando a criatividade musical resultante das trocas culturais potencializadas pelas ondas migratórias em Bronx (Naison, 2010), é nas décadas seguintes que se materializa. Em pleno momento dos movimentos de direitos civis, o hip-hop tornar-se-ia um importante meio de contestação face à desigualdade socioeconómica e variadas formas de discriminação vivenciadas pelas pessoas afroamericanas. Várias referências a Martin Luther King, Malcom X e Panteras Negras, para citar alguns dos incontestáveis símbolos desta resistência e da luta pela igualdade nos EUA, podem ser encontradas em letras de músicas ou grafitis (Gravato, 2017).

Antes que a internet pudesse quebrar barreiras do tempo e espaço, foi através dos meios tradicionais de comunicação e entretenimento que o hip-hop rapidamente encontrou casa noutros contextos noutros países. De facto, antes da grande popularização do movimento cultural nos média, este já ecoava e dava os primeiros passos entre comunidades como ferramenta de protesto ou instrumento de expressão e lazer. Em Portugal, onde o hip-hop começou a ganhar forma no final dos anos 80, as margens do rio Tejo assistiram ao seu desaguar. Ainda com estatuto de movimento *underground*, o primeiro grande passo para o reconhecimento do género na sociedade portuguesa só aconteceria em 1994, com a edição da primeira coletânea de rap pela Sony (*Rapública*). A capa do projeto faz referência à região onde os MCs participantes residiam. Nela podemos identificar várias zonas de Lisboa e do Vale do Tejo que, fazendo aqui uma comparação com Bronx, consubstanciam uma grande região urbana onde várias gerações de pessoas de ascendência africana viriam a desenvolver o hip-hop.

O rap foi utilizado para exprimir as adversidades sentidas por estas comunidades e denunciar a indiferença do Estado: “os factos espalhados por todo o lado da urbanização/ e não, o governo não quer dar a sua mão.” (Zona Dread – Putos da rua, 1994). Enquanto filhos de “migrantes”, ou vistos enquanto tal, estes jovens enfrentavam o desafio de construir uma identidade da qual fossem protagonistas em desassociação daquela que já parecia estabelecida para si, cenário em que podemos incluir Chullage:

Como alternativa à experiência que dizem ser a dos seus pais - ainda demasiadamente marcados pelos valores e condutas impostas pelo colonialismo, optando por se refugiarem em redes de relações fechadas - estes jovens procuram no rap os instrumentos necessários para lidar com as novas regras e novos espaços criados pela sociedade pós-colonial em emergência. A experiência da multiculturalidade juvenil e da criação de redes de sociabilidade e lazer regidas por fluxos completamente diferentes daqueles que caracterizavam a época do regime do Estado Novo (e que marcam os jovens urbanos portugueses na sua totalidade) implicou a criação de novas formas de expressão e a definição de novos contextos, dos quais os seus protagonistas têm uma clara consciência. (Fradique, 1999, p. 125)

### **3. Denúncia de racismo e discriminação sistémica nas letras de Chullage**

Identificamos, nas letras de Chullage, denúncias generalizadas de racismo em Portugal, as quais são seguidas ou antecedidas de exposições quanto à discriminação sistémica.

Tendo em conta que possuem algumas características em comum, entendemos que existem pontos de discussão a considerar quando se trata de diferenciar o racismo do etnocentrismo, xenofobia ou até nacionalismo. Porém, não cabe neste artigo discutir estes conceitos e as interligações entre os vários tipos de discriminação na atualidade. Salientamos que apesar do termo “raça” ser cientificamente obsoleto (Montagu, 1997), o racismo continua vivo e a manifestar-se de diversos modos no quotidiano (Cabecinhas, 2017; Vala, 2021).

Antes de seguirmos com a nossa análise, queremos também lembrar que, no “mundo ocidental”, o continente africano é muitas vezes representado como uma região instável e em conflito, preenchido pela pobreza, doenças e iliteracia (Danfá et al., 2021; Ogunyemi, 2011). As áreas da comunicação social e jornalismo ocidentais, por exemplo, são alvos de críticas de alguns analistas de *media* africanos, os quais destacam o reforço das perceções negativas de África, não

levando em conta os desafios dos países africanos e ignorando os seus avanços (2011). Na sessão inaugural do *podcast* “África Agora”, o sociólogo guineense Carlos Lopes<sup>1</sup>, entrevistado pela jornalista Cristina Peres, ao comentar a representação de África no mapa-mundo Mercator, onde a Gronelândia se apresenta maior mesmo sendo catorze vezes menor, referiu que tal reflete uma “percepção enviesada do continente africano” (citado em Cabecinhas, 2021). A (contínua) distorção de África não é fenómeno meramente cartográfico sustentando-se historicamente na vontade de legitimação do colonialismo durante o Renascimento Europeu, onde africanos são retratados diminutamente, o que incluiu desassociar o Egito - uma sociedade com um considerável nível de alfabetização - do imaginário do continente africano (Lopes & Kararach, 2020). Estes processos políticos e históricos cimentaram imaginários, estabeleceram cânones e ergueram impérios. Em sequência, o questionamento de estruturas e assimetrias de poder transformam-se muitas vezes em variadas formas de intervenção artística. Os autores e autoras destas obras e movimentos contestam estereótipos, desconstróem narrativas e oferecem outras perspetivas sobre os tópicos que aqui tratamos (Cf. Pereira et al., 2020). Chullage é um deles.

As letras das músicas de Chullage retratam uma realidade portuguesa a partir da visão das classes desfavorecidas. Nas suas próprias palavras, Chullage foi “criado no ambiente hostil da pobreza e do racismo” (*Rhymeshit que abala*, 2001) e, em posterior resposta, as suas músicas tornaram-se “atentados verbais à hipocrisia e cinismo/ toda a corrupção e todo falso moralismo” (idem). Estes últimos versos resumem um dos mais relevantes posicionamentos de Chullage que, no caso da luta contra o racismo, evidencia a necessidade de ir além da simples denúncia e proceder ao desmascaro total. Isto é, a intenção da contestação do artista não é tónica, mas interessada em buscar e combater a raiz do preconceito.

Ainda assim, é pela denúncia que muito rap interventivo conta a realidade e as histórias de MCs e das suas comunidades. Chullage não ignora tal ferramenta. Em *Lutar pela nossa vida* (2001), ele traça um panorama geral das dificuldades de sua comunidade e refere como a sociedade portuguesa “aponta o dedo porque vê uma cor diferente” (2001). Este tipo de afirmação pode ser facilmente encontrado em todos os seus álbuns. No entanto, algumas músicas têm um especial enfoque em temas aliados ao racismo e tratam da discriminação flagrante com maior detalhe. No que se refere especificamente a atos racistas, podemos destacar as seguintes passagens de *Igualdade é uma ilusão* (2001):

---

1 Economista, professor na Universidade do Cabo e Alto-Comissário da União Africana para as relações com a União Europeia.

- Escapei a muitos, mas a muitos mais ataques eu tou exposto
- Viver a ter que enfrentar as investidas do exército oposto
- Olham-me de cima para baixo...
- Vou continuar preto e aqui por mais que o racismo me fira
- ...quando país e filhos levam todo o tipo de ofensas
- Às vezes olho para as vítimas e vejo a cara de um amigo
- Se sobrevivi à pobreza e ao racismo então eu sobrevivo a qualquer outro stress
- Esquadrões inteiros marcham rumo à nossa posição
- Problemas encontram-me, não sou eu quem os procuro

Com se pode ver por estes versos, a letra da música faz várias alusões a uma situação de guerra, evidenciando a severidade das tensões raciais. Aqueles que pactuam com o racismo pertencem ao “exército oposto”, “marcham” para “atacar” e “ferir”, deixando “vítimas” no seu rasto.

Essa “guerra” causa estragos e grandes dificuldades às comunidades. Algumas delas são descritas de forma mais ostensiva, como drogas, violência policial, atos de discriminação racial, etc. Em *National Ghetto-graphik* (2004), música dedicada a “todos os ghettos”, Chullage refere como a polícia regularmente recolhe vítimas nestes bairros, porém, “muitas das quais ela é que faz” (2004). A segregação provoca más condições de vida e pobreza generalizada, onde “ratos e outros parasitas coabitam com o resto dos moradores”, sem oferecer grandes perspectivas futuras para as crianças que brincam entre “cacos de garrafas, beatas de wellas”, “sem saber a razão dos insucessos escolares” (2004). Deste modo, os efeitos do conflito social são, ao mesmo tempo, prejudiciais para os que foram segregados e obstáculos na ascensão das novas gerações.

A discriminação racial também é vivida fora do “ghetto”. Na verdade, a diferença pode ser sentida muitas vezes por dentro, quando “barracas” estão “escondidas atrás de arranha-céus” (Fartu, 2004). No pós Segunda Guerra Mundial, assiste-se à emergência dos chamados “novos racismos”, que não defendem abertamente a hierarquização racial, mas sim a distanciação social, em que cada comunidade devia ficar no seu canto (Vala, 2021). Porém, é “do outro lado” que Chullage vê a cor da pele se tornar ainda mais relevante:

---

2 Nome comum para identificar um cigarro artesanal que contém substâncias de plantas do género Cannabis. Também conhecido em Portugal como “charro” ou “broca”.

Fartu (...)

De vigilantes a seguirem-me de loja em loja pelo centro Tugas a agarrarem as malas nos transportes quando eu entro De professores a olharem pra mim e perguntarem-me o quê que eu faço lá dentro

(Fartu, 2004)

O racismo envolve sempre uma assimetria de poder e uma diferenciação simbólica que desumaniza o outro (Cabecinhas, 2017). A desumanização conduz a que as pessoas racializadas sejam percebidas como estando fora dos limites definidos por valores éticos e morais em vigor numa determinada sociedade, justificando assim a sua exclusão social (Cabecinhas, 2020). Trata-se de um processo de demarcação simbólica extremo, no qual se cruzam diversos eixos de opressão (Crenshaw, 1991; Pereira et al., 2020) e que ao longo da história, como explicam Volpato e Andrighetto (2015), tem assumido diferentes formas: demonização, objetificação, animalização e biologização.

A discriminação racial pode manifestar-se a nível comportamental, cognitivo ou emocional. Se analisarmos o supracitado trecho de “Fartu” de Chullage, enquanto o vigilante segue o outro (comportamento), o processo de discriminação iniciou-se na perfilagem racial (cognitivo). Ou enquanto as portuguesas agarram as malas (comportamento), terá sido o medo de serem assaltadas (emocional) que antecedeu tal ação.

Além da elaboração destas denúncias, Chullage parece mais preocupado com as discriminações que se mostram um pouco mais subtis ou estão no campo das ideias e representações, como o racismo institucionalizado, o pós-colonialismo ou a autoperceção de negro como inferior.

Segundo o artista, existe um plano de governo do Estado indiferente face às necessidades da sua comunidade, o qual inerentemente renega as pessoas percebidas como “outro” (negros, migrantes, etc.). Enquanto estes vivem “num bairro degradado, dado pelo Estado”, “uma ajuda coesa, que não seja construção ou limpeza” não chega às pessoas que lá vivem (Os tempos mudam, 2001). Mais do que a ausência de apoios e assistência, Chullage fala de uma ideia que busca incriminar e responsabilizar as comunidades das adversidades sentidas, conforme se pode constatar nos seguintes trechos de duas das suas canções:

Gangsters são aqueles que criaram e movem este sistema,  
onde o racismo e a pobreza fazem parte do seu esquema,  
a nossa autodestruição é o seu principal estratagema,  
montado de modo a chegarem a nós e porem logo a algema.

(Como é que eu ia mentir, 2001)

Vivemos oprimidos por um sistema  
 que só nos deixa ser aquilo que eles querem que nós sejamos,  
 numa sociedade moderna de escravos e mestres, servos e amos,  
 guiados, manipulados pela televisão que quando ligamos,  
 nos faz comprar o que compramos, acreditar no que acreditamos,  
 educar como educamos, alimentar da forma que nos alimentamos,  
 física, psicológica e espiritualmente, dinheiro é o único valor.  
 (À pala de quem não come, 2001)

Chullage realça que tal dominação é subtil, pois existe “tanta gente que vive no meio disto e não se apercebe” (2001). Tal imagética e representação da pessoa negra vista como “imigrante” que vive em bairro social é, segundo o artista, perpetuada pelos média que apenas “amplia o problema social” (Problema social, 2012):

O quarto poder assume controle  
 E ao ritmo diário dá-se o fabrico de notícias  
 Reality agora é show e factos são produções fictícias  
 No romper da manhã o *Correio* mete o crime em destaque  
*Metro* a metro da cidade uma mentira ou ataque  
 Dão a sensação que o *Público* até tem opinião  
 Mas não, eles não querem que você tenha uma *Visão*  
 Opinião que devo seguir é transmitido ou impresso  
 Liberdade de expressão é p'a expressar o que já vem *Expresso*.  
 (Media-Ocridade, 2012 – itálicos nossos)

A sociedade portuguesa assemelha-se às outras europeias no sentido de que o racismo persiste, apesar de formalmente estar consagrada a norma anti-racismo (Cabecinhas, 2017; Vala, 2021), isto é, a norma anti-racismo coíbe a expressão de formas de discriminação flagrante em público, mas subsistem formas “veladas” de racismo que muitas vezes não são percebidas enquanto tal e por isso mesmo se tornam mais insidiosas e difíceis de combater (Cabecinhas, 2017). No entanto, apesar das lutas anti-racismo terem uma história longa no país (Domingues & Garcia, 2022), e de diversos estudos científicos terem, desde os anos 90 do século passado, denunciado o racismo em Portugal, este só se tornou um tópico incontornável da agenda mediática e política há escassos anos atrás, o que indica o muito que ainda está por fazer e discutir. Na opinião de Chullage, os meios de comunicação deveriam parar de evitar este assunto. Numa entrevista ao Canal Q (2014), o MC também menciona como a ideia de integração se apresenta como um monólogo, onde os *outros* precisam de assimilar o

modo português. Ele refere a necessidade de desintegração, incluindo aqui a desconstrução das mentalidades, para que uma “integração” seja realmente possível. Estas afirmações corroboram as narrativas sobre pós-colonialismo presentes nas letras de suas músicas, o que está diretamente interconectado com a discriminação institucionalizada que ele denuncia.

Primeiramente, o colonialismo europeu, e especificamente o colonialismo português, são retratados como pesados episódios da história africana. Chullage recusa a ideia do colonialismo como algo a ser vangloriado e critica a romantização dos acontecimentos:

...num mapa cor-de-rosa, por uma europa gananciosa  
que penetrou, violou, explorou o teu terreno,  
mas nunca te conquistou em pleno. Gloriosa!  
Apenas nos seus livros de história mentirosa  
(África Terra Mãe, 2005)

Pelos sonhos roubados em 500 anos<sup>3</sup> de pesadelos (...)  
Arrepiados de medo arrastando grilhetas pelos  
Pulsos e tornozelos  
Em navios kom tugas buelos e padres a benzê-los  
Numa rota k devia envergonhá-los, mas kontinua a enaltecê-los.  
(Um momento pelos..., 2004)

Estas são as perspetivas históricas de alguém que reivindica a reinterpretação dos factos. Efetivamente, existem narrativas que perpetuam a ideia de um colonialismo europeu/português desassociado de práticas racistas e escravagistas (Araújo & Maeso, 2012). No contexto português, os manuais escolares naturalizam a ausência da história africana e esforçam-se para afastar o racismo como aspeto central no triunfo colonial (2012). Segundo Araújo e Maeso (2012)<sup>4</sup>, as esporádicas alterações nestes manuais não fizeram o suficiente para alterar significativamente as representações do “outro”, sendo que eufemismos, perspetivas higienizadas e até narrativas autocongratulatórias sobre o fim da escravatura se formam discursivamente. Como é referido nas palavras de Chullage em *Fechar os Olhos para não ver* (2004), o “Terceiro mundo em colapso e toda a gente encolhe

3 Não cabe aqui discutir as cronologias do colonialismo e as assimetrias de poder envolvidas na periodização histórica.

4 A relevância temporal deste estudo passa por coincidir com o ano de lançamento do último álbum de Chullage (2012).

os ombros, / desviando as culpas deste lapso”. Neste sentido, concordamos com Araújo e Maeso quando afirmam que:

ensinar e debater a escravatura como processo global das chamadas ‘descobertas’ envolve compreender o racismo como processo fulcral na configuração dos Estados e das comunidades políticas modernas e, portanto, considerar que o eurocentrismo é um sistema de representação através do qual o poder tem sido exercido. (Araújo & Maeso, 2012, p. 14)

Chullage destaca como certas desigualdades com origem na época colonial ainda perduram simbolicamente. Tão importante quanto discutir tais assuntos, o artista vê na “acomodação”, na “autossabotagem comunitária” e na “recusa da ancestralidade” relevantes obstáculos para a desconstrução dessas assimetrias e dos seus imaginários:

Senzala ou prisão, plantação ou construção  
Só mudaram a forma e deram outro nome à escravidão  
Discriminação mantém-te em segundo como cidadão  
*E na tua acomodação reside a força do opressor*  
Não dê a cara, põe a coroa e orgulha o povo de cor  
(Lutar pela nossa vida, 2002, ênfase nossa)

Abre os olhos pré-tu, desperta!  
A ignorância é que puxa o gatilho,  
a bala só acerta... no teu tropa  
*ou puxas essa merda contra o inimigo ou dropa<sup>5</sup> (dropa).*  
Inteligência na rua, destrói a classe opressora e não a tua,  
*Atua! Ignorância é XL em todo aquele que compactua, atua!*  
(Ignorância XL, 2004, ênfase nossa)

(...) e hoje dizem-te livre quando *os teus líderes são marionetas*  
só visam atingir as suas metas, e as metas do *mundo ocidental*  
*que continuam a ser o teu colono* através do capital  
afogado na dívida externa  
porque não produzes o que consomes, nem consomes o que produzes  
graças a quem te governa.  
(África Terra Mãe, 2005, ênfase nossa)

---

5 Termo emprestado do inglês “to drop”, que significa largar ou soltar.

Tais versos mostram a consciência do artista quanto à presença insidiosa do racismo e ao perigo da dominação simbólica, através da qual os grupos dominantes legitimam o tratamento discriminatório face aos grupos subalternizados, os quais interiorizaram uma visão negativa de si mesmos, afetando a sua autoestima (e.g. Clark & Clark, 1947). Aqui (no último trecho, uma música dedicada a África) também podemos identificar que Chullage reconhece a existência de processos de assimilação que se podem dar a partir da influência de agendas externas nas políticas de países africanos. No que toca aos (filhos de) migrantes oriundos das antigas colónias em Portugal, e como reação a uma identidade social “ameaçada” (Cf. Tajfel, 1974), Chullage alerta para aqueles que “ficam com medo, vergonha ou desgosto/ Ou pensam que se se virarem pró outro lado sobem um posto” (Igualdade é uma ilusão, 2001).

#### **4. Repensar a história, valorização das raízes africanas e outros planos de ação**

Salientando a importância de recontextualizar e recontar a sua história, Chullage sublinha que ser “negro” não deve destinar alguém à construção civil, limpeza ou desporto e que o racismo e a discriminação devem ser discutidos na esfera pública. Acrescenta que as pessoas afetadas pela injustiça social não devem conformar-se e por isso ele não se esquece de introduzir doses de valorização socio-cultural nas suas letras.

Se o MC não vê, na mobilidade individual, a saída para os problemas de sua comunidade, a resposta parece recair na “criatividade social”, uma das estratégias para aumentar a distintividade positiva do grupo de pertença face à identidade social ameaçada. Segundo Tajfel (1974), as estratégias para alterar o estatuto social do grupo podem passar por criar novas dimensões de comparação entre o grupo de pertença e o grupo dos outros; mudar os valores socialmente atribuídos a tais dimensões, de modo que comparações previamente negativas passem a ser percebidas como positivas, isto é, as dimensões salientes mantêm-se mas alterando, ou até mesmo, invertendo o sistema de valorização.

A desconstrução do mito do “colono multicultural português” com “vocaçãõ histórica” para interagir com o “outro” (Araújo & Maeso, 2012), levada a cabo em todos os álbuns de Chullage, acaba por ressignificá-lo num novo contexto histórico. Desta forma, alteram-se os pontos de relação entre os grupos, assim como se inserem outros ligados à desumanização e assimetrias de poder.

Já na inversão do sistema de valorização, Chullage visa propagar a autoestima e o orgulho a partir das suas raízes, lição ensinada por sua mãe. Tal pode ser

identificado em *Mulher da minha vida* (2001), onde a sua “rainha africana” lhe ensinou a “ergui cabeça com orgulho sempre que chamass mi pret”. Essa expressão de orgulho é intensificada quando o MC recorre a partes em crioulo cabo-verdiano nas letras em português ou quando inclui músicas inteiras como *Nu bai* nos seus álbuns, o que por si só representa uma “afirmação de herança cultural” (Júnior, 2019). Outra ocasião onde acontece a inversão do sistema de valorização é na já comentada música *Igualdade é uma ilusão* (2001), na qual Chullage reforça:

(...) o orgulho em ser como eu sou expressos no meu rosto,  
no meu cabelo e nos meus lábios, na minha pele  
e na cultura enraizada dentro de mim...  
Eu tenho muito gosto! E isso ninguém me tira.

Por outras palavras, o que muitas vezes é alvo de desvalorização, isto é, a pele escura, o famoso “cabelo ruim”, etc., são aqui motivos de orgulho. A ideia desafia a representação estabelecida para essas características e confere uma dose de autoestima que pode ser exemplo para outros. Esta questão volta a surgir noutras músicas como, por exemplo, *Um momento pelos...* (2004): “vê-los como homens iguais e tentar percebe-los/vê-los também belos nos lábios, na pele e nos cabelos”. Chullage estende ainda a valorização a outros aspetos do “universo” negro/migrante africano em geral:

O amor entre brothas’ e sistas’, o calor,  
o ritmo musical, a expressão corporal,  
a comida tradicional, a linguagem ancestral  
e o alto astral...  
Apesar de tudo aquilo que corre mal,  
A grandeza espiritual...  
(Pretugal, 2004)

Chullage valoriza a sua ancestralidade africana de variadas outras formas. A substituição da letra “c” pela “k” em várias palavras das suas letras em português corresponde a uma consciente alteração da grafia para que a palavra se aproxime da língua cabo-verdiana. Esta atitude de Chullage de alterar as palavras está diretamente conectada ao já citado movimento que visa desconstruir as relações de poder simbólicas estabelecidas na sociedade portuguesa (Canal Q, 2013). Repare-se que os próprios nomes dos seus álbuns são composições por aglutinação: *Rapresálias* (rap + represálias), *Rapensar* (rap + pensar) e *Rapressão* (rap + repressão).

Referências e enaltecimento de personagens ligadas ao movimento de direitos civis, como Malcom X nos EUA, ou à militância de outros em África, como Amílcar Cabral na Guiné-Bissau e Cabo Verde, conferem simbólicas raízes africanas às músicas de Chullage, numa representação destes atores sociais e políticos enquanto protagonistas que se encontravam “do lado certo da história”.

Uma outra forma de valorização pode ser identificada na utilização de instrumentais com referências sonoras negras. Alguns dos exemplos mais nítidos foram incluídos em *Rapensar* (2004): *Pretugal* possui percussão africana; *Warrria* é uma música de reggae; e o beat<sup>6</sup> de *Funk You* possui clara inspiração no *funk* afro-americano. Chullage também se movimentou noutros planos em prol da discussão do panorama de racismo e pobreza. A organização da Khapaz - Associação Cultural, acabou por se tornar uma alternativa às esquinas da Arrentela e meio de consciencialização comunitário (Raposo, 2007).

Se, a partir de *Rapensar* (2004), Chullage incluiu outros géneros e referências musicais, em *Rapressão* (2012) o artista também adicionou a acapela. Mesmo continuando a assinar trabalhos colaborativos como Chullage até os dias de hoje, o MC iniciou uma clara transição musical nos últimos anos. Primeiro foram lançados trabalhos no chamado *spoken word*<sup>7</sup>, assinados como Sr. Preto e, depois, Akapella47. Estes trabalhos multidisciplinares, incluindo fado ácido, vídeo e performances, foram um dos focos do artista sensivelmente entre 2014 e 2018. É relevante salientar que muitas das temáticas abordadas no seu rap continuam presentes nestas faixas. Chullage também ainda se tornaria Prétu, num projeto totalmente produzido por si<sup>8</sup> e inteiramente direcionado ao contexto político africano, ao (pós)colonialismo e ao pan-africanismo:

É uma conversa consigo e com a sua comunidade onde se propõe a matar o preto ou a preta que a prática colonial e racista construiu dentro de nós, para que daí, da reaficanização do espírito, possa nascer uma nova entidade préту/прéта. Uma entidade do outro futuro possível. Entidade que Amílcar Cabral chamou o novo homem e mulher africanos. Entidade que nasce dum grito semelhante ao de James Baldwin “I’m not your negro”. (*Chullage - Prétu*)

Nesta continuidade de desconstrução da memória histórica do colonialismo, *Prétu* é completamente protagonizado em crioulo cabo-verdiano e mistura géneros musicais do rap ao batuko. Na opinião de Júnior (2019), cantar

6 Nome comum para designar um instrumental de rap.

7 Traduzido muitas vezes para recitação.

8 Os instrumentais utilizados nos álbuns de Chullage foram produzidos por terceiros.

em crioulo corresponde a um ato de contestação, que simboliza a negação do artista enquanto “indivíduo colonizado” ou enquanto “imigrante inadaptado” ao contexto português.

### Considerações finais

A consistência discursiva de Chullage é um ponto importante a destacar. Mesmo após ter alterado o seu registo musical, o MC utiliza a poesia como ferramenta de contestação perante os problemas sociais e tensões raciais, os quais para ele possuem alvos evidentemente delineados. As denúncias inseridas nas suas letras enquanto Akapella47 e Prétu, nunca chegam a mostrar um Nuno Santos que abandonou uma conexão com a cultura hip-hop, isto é, com Chullage. As palavras tornam-se assim o mais importante ativo do arsenal do artista, onde as alterações do seu registo musical ao longo dos anos evidenciam uma evolução fonética, e não uma mudança simbólica tão representativa quanto a mensagem que está implícita e é transversal à sua carreira.

Outra particularidade a não ignorar centra-se na sua postura perante o racismo e discriminação. Entusiastas de rap, sejam ouvintes ou estudiosos, facilmente identificarão que Chullage vai além das comuns denúncias e oferece saídas para estes problemas, o que se traduz num rap essencialmente interventivo. Para o artista, a valorização da sua “ancestralidade” e “africanidade” oferecem alternativas e ferramentas face à desumanização: “a vitória começa em nós sermos nós” (Igualdade é uma ilusão, 2001). A linha de pensamento de Chullage torna-se ainda mais militante e palpável quando é intercalada com outras iniciativas e artes performativas, como apresentações de *spoken words* ou peças teatrais, ou ainda quando é transportada para projetos como a Khapaz – Associação Cultural. Fazer um paralelo entre Nuno Santos e os nomes que ele enaltece nas suas músicas (Amílcar Cabral, Frantz Fanon, Malcom X, etc.), mesmo que em registos e contextos históricos distintos, torna-se assim uma tarefa que nos permite viajar no espaço e no tempo.

A complexidade destes temas e a quantidade de material produzido por Chullage sobre estes tópicos fazem desta análise um estudo meramente introdutório. Porém, e em sintonia com a continuidade do discurso do artista ao longo das últimas décadas, parece-nos clara a necessidade de ampliar a discussão sobre tais assuntos, de modo a conhecer em maior profundidade não só a obra de Chullage, mas também a diversidade do rap tuga e a complexidade inerente às interligações entre intercâmbios culturais, artes e movimentos sociais na sociedade portuguesa.

## Referências

- ARAÚJO, M., & Maeso, S. R. (2012). A institucionalização do silêncio: A escravatura nos manuais de história portugueses. *Revista (in)Visível*, 6–15.
- CABECINHAS, R. (2017). *Preto e Branco. A naturalização da discriminação racial* (2nd ed.). Húmus.
- CABECINHAS, R. (2020). Crise, migrações e desumanização. In M. Oliveira, H. Machado, J. Sarmiento, & M. do C. Ribeiro (Eds.), *Sociedade e crise(s)* (pp. 25–30). Uminho Editora. <http://hdl.handle.net/1822/68325>
- CABECINHAS, R. (2021). África no plural. Olhares sobre o passado, presente e futuro. In J. Sarmiento (Ed.), *Áfricas: mobilidade, violência, memória e criatividade* (pp. 49–54). Edições Humus Lda.
- CHULLAGE - *Prétu*. (n.d.). Retrieved May 17, 2021, from <https://chullage.org/pretu/>
- CRENSHAW, K. (1991). Mapping the Margins: Intersectionality, Identity, Politics and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review*, 43, 1241–1299. <https://doi.org/https://doi.org/10.2307/1229039>
- CLARK, K. B. & M. P. Clark(1947). “Racial identification and preference among negro children.” In E. L. Hartley (Ed.) *Readings in Social Psychology*. Holt, Rinehart, and Winston.
- DANFÁ, L., dos Santos Aléssio, R. L., & Torres, A. R. R. (2021). Ebola na Folha de São Paulo (1976-2015): invisibilidade e desvalorização cultural da África. *Athenea Digital. Revista de pensamento e investigação social*, 21(1). <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2342>
- DOMINGUES, M. (2022). *A Afirmação Negra e a Questão Colonial*. Ensaio e seleção de J. L. Garcia. Tinta da China.
- FRADIQUE, T. (1999). Nas margens... do rio: retóricas e performances do rap em Portugal. In G. Velho (Ed.), *Antropologia Urbana – Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal* (pp. 121–140). Jorge Zahar Editor.
- GRAVATO, D. (2017). *Rap em Portugal: comunidades online, lógicas de comunicação e posicionamentos identitários na internet*. Universidade do Minho.
- JÚNIOR, F. C. G. de M. (2019). *Rimando contra o “ mito ” do bom colonizador : O RAP como forma de combate ao racismo em Portugal* (T. Siteo & P. Guerra (Eds.); pp. 168–189). Universidade do Porto.
- LOPES, C., & Kararach, G. (2020). *Structural Change in Africa: Misperceptions, new narratives and development in the 21st century*. Routledge.
- MONTAGU, A. (1997). *Man’s Most Dangerous Myth - The Fallacy of Race* (6th ed.). SAGE Publications.
- NAISON, M. (2010). Migração e criatividade musical nos bairros do Bronx. *Revista Migrações - Número Temático Música e Migração*, 7, 217–227. [http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista\\_7/Migracoes7p217p227.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_7/Migracoes7p217p227.pdf)

- OGUNYEMI, O. (2011). Representation of Africa Online: Sourcing Practice and Frames of Reference. *Journal of Black Studies*, 42(3). <https://doi.org/10.1177/0021934710378747>
- PEREIRA, A. C., Sales, M., & Cabecinhas, R. (2020). (In)visibilidades: imagem e racismo. *Vista: Revista de Cultura Visual*, 6, 9–19. <http://hdl.handle.net/1822/65805>
- RAPOSO, O. R. (2007). *Representa Red Eyes Gang: das redes de amizade ao hip hop*. 191. <http://biblioteca.iscte.pt/resumosindicesteses/antropologia/01000058434.pdf>
- TAJFEL, H. (1974). Social identity and intergroup behaviour. *Social Science Information*, 13, 65–93. <https://doi.org/10.1177/053901847401300204>
- VALA, J. (2021). *Racismo hoje. Portugal em contexto europeu*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- VOLPATO, C., & Andrighetto, L. (2015). Dehumanization. In J. D. Wright (Ed.), *International encyclopedia of the social & behavioral sciences* (pp. 31–37). Elsevier Ltd.

## Audiovisual

- CANAL Q (2013) *As palavras e o gueto*. O que Fica do que passa, temporada 4, episódio 62. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=H9dsmOWePfU>
- CHULLAGE (2001) *Rapresálias – Sangue, Lágrimas, Suor*. Lisafonia.
- CHULLAGE (2004) *Rapensar – Passado, Presente, Futuro*. Lisafonia.
- CHULLAGE (2012) *Rapressão*. Optismus Discos.
- CREWCUIAL (2005) *África Terra Mãe*. Com Chullage em Obunto – A semente. Matarroa.
- ZONA Dread (1994) *Putos da rua*. Em República. Sony.

## Agradecimento

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de doutoramento do primeiro autor, intitulado “Entre a rua e a internet: representações sociais, emoções e identidades do rap em português”, financiado pela FCT (SFRH/BD/145837/2019) e no âmbito do projeto projeto MigraMediaActs – Migrações, Média e Ativismos em Língua Portuguesa: Descolonizar Paisagens Mediáticas e Imaginar Futuros Alternativos (PTDC/COM-CSS/3121/2021).